

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano Crônica 27 – Setembro, 2015

CONVERSA PARA “BOI DORMIR”

Irecê Barbosa¹

Eu estava saindo da sala de aula quando meu amigo bateu de leve no meu ombro e perguntou se eu tinha um tempinho para ele. Falei que sim, pensando ser algo inerente ao trabalho. Seguimos rumo ao restaurante da universidade. Servir-me de um lanche e ele do jantar. Ao sentarmos-nos à mesa ele iniciou um relato choroso, contando uma miséria atrás da outra. Fiquei observando e me dei conta de várias incoerências. As intenções também me pareceram contraditórias. Percebi que ele me olhava não só tentando averiguar o convencimento pretendido, mas também evidenciando desconfiança. Ele estava me sondando, com absoluta certeza.

Por um instante contrai a mão direita. Aliás, fechei o punho como se fosse esmurrá-lo por estar mentindo descaradamente. Relaxei e retirei a mão de cima da mesa para ele não perceber minha reação e resolvi verificar até onde ele iria com aquela conversa para “boi dormir”.

Quem era aquele homem? Antes tão familiar devido à convivência diária na universidade e agora tão diferente, o peito estofado em arrogância, pois tentava parecer a vítima daquela embrulhada toda que contava, mas aos meus olhos era o algoz. Ouvia aquela baboseira e pensava: como avaliar um sujeito duplo? Sim, antes do “desabafo” eu achava meu amigo um caro legal, alegre, simpático, amigo, prestativo. Agora, o verniz imposto por minha percepção inicial estava derretendo e eu o via como mentiroso, chato, mal intencionado e terrivelmente maçante.

Qual das duas percepções era a correta? A primeira? A segunda? As duas? Aí mergulhei em minhas memórias e pincei Jung que dizia que nosso inconsciente complementa as percepções conscientes, compensando nossas distorções cognitivas, oriundas das crenças impostas a nós desde o nascimento.

Achei o lanche uma droga e comia sem muita vontade o sanduiche de filé acebolado, embora o cheiro estivesse maravilhoso. Perdi a fome. Acho que me intoxiquei com aquele besterol ilustrado e elaborei várias barreiras para me proteger das intenções subjacentes daquele ser que jantava e falava sem parar, ali na minha frente, e a barreira gustativa foi uma delas.

A imaturidade emocional do meu amigo era visível. Entretanto, percebi também a minha própria imaturidade desde que cerrei o punho. A intolerância à mentira e ao fato de alguém tentar me idiotizar mexeram com meu emocional e isso não era para ter acontecido. Será que foi a situação que determinou o punho cerrado? Ou foram meus pensamentos, minha insatisfação com uma série de coisas que me predisuseram à percepção equivocada de tudo o que ele relatava? Será que já sentei ali disposta a desconstruir o discurso dele?

Arrumei-me na cadeira e tomei um pouco de suco de cupuaçu. Lembrei-me dos papéis complementares que todos nós exercemos na vida. Eu mãe, eu irmã, eu amiga, eu professora, eu namorada, eu orientadora, eu avaliadora, eu, eu, eu, eu.....Posso ser dura em determinados

¹ Doutora em Educação, Jornalista, Psicanalista Clínica e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia – PPGEEC/ ENS/ UEA. Email: irecebarbosa@yahoo.com.br

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

Crônica 27 – Setembro, 2015

papeis e dócil em outros. Por que eu sentia que meu amigo estava sendo cínico naquele papel de vítima?

De repente, caiu a ficha. Não se tratava, por parte dele, do desempenho de nenhum papel social ou psicológico. Eu estava diante de um homem que mantinha uma conduta instintiva de macho no cio querendo subjugar a fêmea e que apostou no sentimento feminino de consolação. Meu amigo me escolheu para consolá-lo e inventou uma série de situações para despertar minha solidariedade. Entendendo a situação consegui olhá-lo com olhos compreensíveis e voltei a sentir o gosto do sanduiche.

No final do lanche ele falou:

-Poxa, eu falei, falei e falei... e você não disse nada.

Ai eu respondi: eu ouvi, ouvi, ouvi... e cheguei a uma conclusão.

- Qual? – perguntou com olhos brilhando. Aliás, um brilho de satisfação exagerado para quem estava imerso em uma miséria psicológica. Aí falei:

- Você precisa ressignificar os seus conceitos e valores. Nossos princípios e valores nos sustentam e nos jogam para o alto. Muitas vezes, nos vangloriamos deles a toda hora. Você os exacerbou em seu relato várias vezes. Eles levam você bem para cima, ao ponto de considerá-los melhores que os dos outros.

Ele me interrompeu e interrogou?

- Que mal há em eu colocar meus princípios e valores lá no alto?

Respondi bem séria: - O mal é que você pode cair deles.

Ele levantou-se e andou em direção à porta do refeitório com cara de poucos amigos. Um colega, que também saía, perguntou:

-E aí, não gostou da comida do RU?

Eu ouvi quando ele respondeu:

- Nada haver com a comida, é que acabei de levar um tombo.

Dada a sua impulsividade, não deu tempo de eu dizer a ele que subjetividade e objetividade são dois mundo a parte e que nem sempre caminham juntos.

Naquele instante, uma colega sentou à mesa e perguntou o que houve. Compreendi que estávamos sendo observados por vários olhos. Respondi então com tranquilidade:

Nada, amiga! Eu estava pensando aqui, com meus botões, sobre a minha imaturidade emocional e na minha falta de paciência com as artimanhas instintuais. Vamos à aula, nossos alunos devem estar entrando em sala.

Minha amiga sorriu e falou: ele tentou, vai que cola.